
O Futebol Carioca em tempos de “mal de seidl”: tensão e comoção no auge da gripe espanhola de 1918

Carioca football in times of “Seidl's disease”: tension and commotion in the height of the spanish flu of 1918

Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos¹, José Jairo Vieira^{2*}

Received: 2023-01-03 | Accepted: 2023-02-05 | Published: 2023-02-13

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender as ações e os discursos dos agentes envolvidos com o futebol carioca, dando ênfase para a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e seus filiados da primeira divisão, no auge da circulação da influenza na capital federal, entre o final de setembro e começo de dezembro de 1918, sendo decretada no interior desse período a suspensão do Campeonato Carioca daquele ano. Para isso, foram coletados, sistematizados e analisados os principais jornais do Rio de Janeiro que abordavam os acontecimentos relativos à epidemia e seus efeitos a partir de perspectivas que nem sempre estavam em concordância..

Palavras-chave: Campeonato Carioca; Rio de Janeiro; Influenza; Jornal; Paralisação;

ABSTRACT

This article aims to understand the actions and speeches of the agents involved with Rio de Janeiro soccer, emphasizing the Metropolitan League of Land Sports and its first division members, at the height of the influenza circulation in the Federal Capital, between the end of September and early December 1918, with the suspension of the Carioca Championship of that year being decreed within that period. For this purpose, the main newspapers in Rio de Janeiro that addressed the events related to the epidemic and its effects were collected, systematized and analyzed from perspectives that were not always in agreement.

Keywords: Carioca Championship; Rio de Janeiro; Influenza; Newspaper; Stoppage;

¹ Secretaria Municipal de Educação de Araruama-RJ

² Universidade Federal do Rio de Janeiro

*E-mail: diversidade.desigualdade.educa@gmail.com

INTRODUÇÃO

O segundo semestre do ano de 1918 trazia da Europa os ventos de desfecho da Primeira Guerra Mundial, evento que havia apresentado a homens e mulheres o potencial devastador da espécie humana em escala mundial. Para ilustrar essa experiência destruidora da guerra total, Walter Benjamin atestara que “uma geração que ainda fora à escola de bonde puxado por cavalos, viu-se desabrigada, numa paisagem onde tudo, exceto as nuvens, havia mudado, e em cujo centro, num campo de forças de explosões e correntes destruidoras, estava o minúsculo e frágil corpo humano” (BENJAMIN, 1986, p.195).

Quando o mundo pensava que o caminho para o fim do conflito no continente europeu significaria uma pausa das mortes em massa, um vírus capaz de produzir letalidade tão impactante quanto aquela da guerra passava a circular pelo globo, alcançando lugares onde as trincheiras não haviam sido fincadas: a gripe espanhola (também conhecida como vírus *Influenza*, tipo A). Provavelmente surgida nos Estados Unidos, esta foi uma das mais graves pandemias da história contemporânea, indo de janeiro de 1918 até dezembro de 1920. Ademais, estima-se que o número de vítimas fatais em todo o mundo tenha sido de, no mínimo, 20 milhões de pessoas, o que significa ter sido mais letal, em números absolutos, do que a peste do século XIV. Em decorrência da conflito bélico, a violência da doença era alavancada pelas condições precárias de várias localidades e pela intensa movimentação de agrupamentos humanos (c.f. Barry, 2004).

A terminologia “gripe espanhola” deriva do fato de que a imprensa da Espanha, por sua posição de neutralidade na Primeira Guerra Mundial, noticiava esse acontecimento dramático sem os filtros da censura percebidos em outros países, que, mergulhados na batalha, procuravam então amenizar para seus cidadãos e combatentes os efeitos de um novo inimigo no fronte. Nesse sentido, Adriana Goulart aponta que “muitos países adotaram a censura às notícias sobre a epidemia, visto que a gripe afetou profundamente a capacidade bélica dos exércitos, fazendo com que ela fosse conhecida, primeiramente, como febre das trincheiras” (GOULART, 2005, p. 102). Diante disso, passou-se a impressão inicial de que ali seria o epicentro dos casos, não condizendo com a realidade.

No Brasil, especificamente, os primeiros casos foram noticiados no final do mês de setembro, com a infecção e morte de tripulantes da marinha que se encontravam em missões médico-militares em regiões da África e Europa, na acanhada participação brasileira na guerra, cuja postura fora neutra até o final de 1917. Entre setembro e novembro, a epidemia paralisou a capital federal e expôs sua ineficiência dos serviços de assistência no combate à gripe, o que não deixou de ser destacado de diferentes maneiras pela imprensa carioca, seja em tons mais formais, seja com tintas mais ácidas e sarcásticas. As primeiras notícias relativas à gripe espanhola veiculadas na imprensa carioca datam de 22 de setembro de 1918, mais especificamente nos jornais Correio da Manhã e Jornal do Brasil.

No período inicial da disseminação do vírus na cidade, a *Gazeta de Notícias* apresentava uma charge (figura 01) na qual a gripe, que para muitos originara-se na Espanha, chegava ao Brasil para se juntar a outras doenças já comuns na sociedade e assim desafiando o sistema de saúde do então Distrito Federal. O jornal foi um árduo crítico de Carlos Seidl à frente da Diretoria de Saúde Pública, entidade federal equivalente ao que atualmente consideramos Ministério da Saúde.

Figura 01: Charge ilustrando a chegada da gripe espanhola no Brasil



. Fonte: *Gazeta de Notícias*, 29/09/1918, p. 1.

À essa altura um esporte que ia ganhando terreno nos corações e mentes do público carioca, denotando sua abertura para as massas, o futebol não passaria ileso pelo ataque do vírus. Iniciado em abril de 1918, o Campeonato Carioca da primeira divisão prosseguia normalmente até o dia 13 de outubro daquele ano, quando as equipes Carioca e Andarahy disputavam a última partida antes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestre (LMDT)¹ decidir oficialmente pela paralisação do torneio, que só retornaria em 08 de dezembro de 1918.

Além dos eventos direcionados ao campeonato local e às partidas entre as seleções interestaduais, já muito comuns à época, o ano de 1918 deveria ser um marco no futebol da cidade e, mais amplamente, do país, pois o III Campeonato Sul-Americano de Futebol, evento que reuniria as principais seleções do continente, teria como sede a capital federal. Contudo, o alastramento da gripe se apresentava como um obstáculo a ser enfrentado para a realização do primeiro campeonato internacional de futebol no país, despertando discussões, muitas vezes acaloradas e vocalizadas pela imprensa, entre diversos agentes sociais.

Desse modo, este artigo pretende analisar o desenrolar dos principais acontecimentos do futebol carioca nos momentos cruciais da presença da gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a imprensa desempenhou papel importante na mobilização de debates entre diferentes atores sociais na construção de consensos e dissensos no universo do futebol, com

ênfase para o Campeonato Carioca da primeira divisão, cujos clubes eram filiados à LMDT, e às seleções carioca e brasileira².

Para isso, sem desconsiderar os acontecimentos anteriores e posteriores, detemo-nos com maior atenção no período entre o final de semana dos dias 12 e 13 de outubro de 1918 – quando se desenrolaram a partida interestadual entre as seleções carioca e paulista e a última partida do campeonato antes da parada por conta da epidemia – até a retomada dos jogos, em 08 de dezembro daquele ano. Esse arco temporal coincide com a presença mais intensa da doença na cidade, provocando a suspensão do campeonato.

O *corpus* documental sobre o qual o presente trabalho se debruça são os jornais *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial* e *O Paiz*. Havia particularidades entre estes veículos de imprensa. A *Gazeta de Notícias* seguia uma linha editorial mais crítica ao governo de Wenceslau Brás em relação aos jornais concorrentes, mais cautelosos e formais em suas exposições dos acontecimentos. Na seção esportiva, *O Imparcial* e *O Paiz* já apresentavam uma ampla cobertura, de página inteira, enquanto o *Correio de Manhã*, a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Brasil* variavam nos destaques de acordo com os acontecimentos, limitando-se sobretudo a passar informes e a descrever as partidas.

DAS CONTAMINAÇÕES À PARALISAÇÃO DO CAMPEONATO CARIOCA DE 1918

No final de semana dos dias 12 e 13 de outubro de 1918, a rodada a primeira divisão do Campeonato Carioca contou apenas com uma partida, realizada no dia 13, entre Carioca e Andaraí, vencida pelo primeiro pelo placar de 5 a 3. Àquela altura, o título já estava praticamente definido em favor do Fluminense, após uma vitória repleta de polêmicas sobre o vice-líder Botafogo, em 29 de setembro³. No entanto, o assunto futebolístico mais comentado daquele final de semana era o confronto interestadual do dia anterior (12), quando as seleções carioca e paulista se enfrentaram pela Taça Rodrigues Alves em São Paulo, na praça de esportes da Associação Athletica das Palmeiras. Nos dois jogos anteriores, os Paulistas venceram o primeiro, ocorrido em São Paulo, pelo placar de 4 a 2, enquanto os cariocas venceram o segundo, no Rio de Janeiro, por 3 a 2.

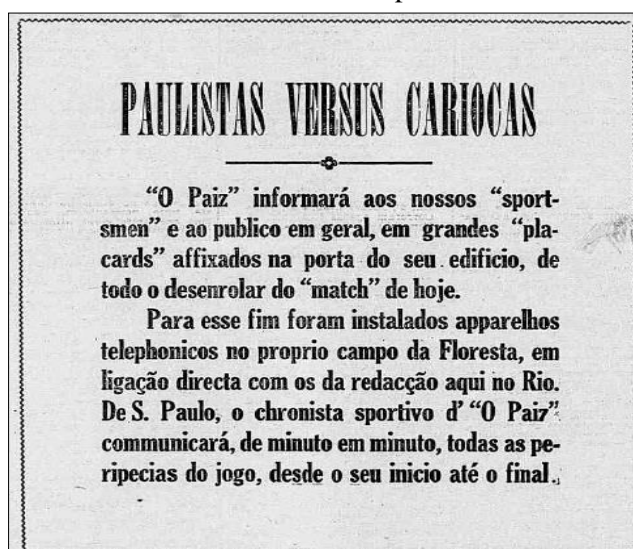
Para esse encontro, os jornais apontavam nos dias precedentes à partida que a equipe carioca não havia feito uma preparação adequada, além de contar com a ausência de jogadores em seu quadro para a viagem a São Paulo. João Cantuária, do São Cristovão, e Marcos Carneiro e Zezé, do Fluminense, eram alguns dos importantes desfalques do selecionado carioca. No caso do primeiro, ausente se encontrar adoecido, especulava-se estar acometido pela recém-chegada gripe espanhola. Havia ainda muita desinformação a esse respeito. E a falta de uma justificativa plausível naquele momento para as ausências de importantes jogadores no selecionado carioca despertou críticas de parte da imprensa, pois acreditava-se em atitudes deliberadas de alguns

jogadores escalados pela LMDT para não viajarem. O *Correio da Manhã* expressava que bem sabemos que muitos, a maioria teve razões serias para isso. A nossa mágoa unicamente atinge aqueles que, por causa de vaidades pessoais ou por exigências de uma soirée ou um pic-nic, deixaram-se ficar comodamente por aqui e abandonaram impiedosamente os seus companheiros de pugnas a uma sorte bastante amarga (*Correio da Manhã*, 13/10/1918, p. 4).

Por tudo isso, a crítica especializada não tinha dúvidas do fiasco em relação ao desempenho da equipe na partida de São Paulo, a ponto de se afirmar que “estamos preparados para receber com serenidade a notícia da derrota da nossa gente” (*Correio da Manhã*, 12/10/1918, p. 6). Um mês antes, os paulistas já haviam aplicado uma goleada de 8 a 1 nos cariocas, em partida amistosa. E, para o encontro do dia 12 de outubro, o time titular paulista não precisava efetuar alterações fundamentais em sua formação, ao contrário do rival.

Ainda que não houvesse esperança com a participação do time carioca, o jogo não deixava de ser um grande acontecimento na vida esportiva da capital da república. Veículo de imprensa que dava bastante ênfase à seção esportiva, *O Paiz* publicava um informe aos torcedores sobre a atualização da partida na porta do prédio onde se localizava o jornal. Sobre a epidemia, afirmava que “continua no seu curso natural. Vai aumentando, mas com caráter benigno, sem dar motivos para que haja temores e alarme” (*O Paiz*, 12/10/1918, p. 4). Para corroborar tal percepção, o jornal noticiava que a movimentação da cidade continuava habitual.

Figura 02: Informe do jornal *O Paiz* sobre a transmissão do jogo entre as seleções carioca e paulista



Fonte: *O Paiz*, 12/10/1918, p. 8

E a presença dos torcedores foi significativa, produzindo grande aglomeração em frente ao jornal, num momento em que a gripe espanhola já se fazia presente na cidade, mas com tímida repercussão dada pelo poder público e pela imprensa até aquele momento.

Figura 03: Imagem apresentando o público em frente ao edifício do jornal *O Paiz* para acompanhar à partida entre as seleções carioca e paulista.



Fonte: *O Paiz*, 13/10/1918, p. 11.

Conforme esperado, a partida terminou com uma goleada dos paulistas por 5 a 0. No entanto, o tópico mais discutido era a maneira como os jogadores cariocas ficaram adoecidos na última hora, casos de Welfare, Behegaray, que entraram em campo com febre, além das ausências de Píndaro e Moura. Desse modo, a despeito do revés no resultado e das críticas quanto à organização da LMDT e da má preparação dos jogadores, houve espaço para elogios aos esforços de um time que atuou bastante modificado e com jogadores enfermos em campo durante os 90 minutos. Mas isso não impediu o surgimento de falsas acusações a jogadores não presentes para a partida em São Paulo. Na edição em que registrava a marca de vinte mil pessoas atingidas pela gripe na cidade, demonstrando a escalada de crescimento da epidemia de gripe na cidade, o *Correio da Manhã* trazia um boato, prontamente desmentido, de que os jogadores Machado e Lais, que não estiveram presente para a viagem de São Paulo por se encontrarem também adoecidos, estariam nas ruas do Rio enquanto acontecia o jogo. Ao desmentir tais boatos, o jornal pretendia rebater a injustiça praticada pelos nossos colegas, que foram, por azar, censurar justamente dois dos jogadores que, de fato, tiveram motivos procedentes para não ir ao vizinho Estado. Somos dos que mais acemente verberam o procedimento dos que fugiram à luta mas, por isso, não nos julgamos de atacar a torto e a direito (*Correio da Manhã*, 14/10/1918, p. 4).

No retorno ao Rio de Janeiro, relatava-se que “com poucas exceções, a delegação carioca que foi a São Paulo retornou atingida pela gripe” (*Gazeta de Notícias*, 15/10/1918, p. 6). Nesse mesmo dia, os jornais já começam a dar grande destaque à disseminação da gripe pela cidade. Dois jornais – *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias* – já se mostram enfáticos quanto à dimensão da crise epidêmica que se alastrava na capital federal e, para fazer um retrato da situação sanitária, ambos utilizam em suas capas a mesma imagem alegórica. A cidade, naquele momento,

havia se transformado num “vasto hospital”, tendo sua rotina cotidiana inteiramente modificada. Esta frase remetia a um discurso feito pelo médico Miguel Pereira, um dos membros do Movimento Sanitarista da Primeira República, em discurso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1916: “O Brasil é um imenso hospital” (SÁ, 2004).

Figura 04: Capa do jornal Correio da Manhã alertando para o crescimento da epidemia



Fonte: Correio da Manhã, 15/10/1918, p. 1

Figura 05: Capa do jornal Gazeta de Notícias, da mesma data, fazendo analogia da capital federal como um hospital



Fonte: Gazeta de Notícias, 15/10/1918, p. 1.

Apesar das ponderações sobre a condição física debilitada dos jogadores adoentados e da situação dramática de saúde pública que se vislumbrava, a goleada sofrida pela equipe carioca em São Paulo não encontrou atenuantes na *Gazeta de Notícias*, que fazia críticas incisivas em diversas direções pelas últimas derrotas acachapantes contra os paulistas. Na visão do jornal, estas derrotas acontecem não por uma superioridade técnica da equipe paulista, mas “são o produto da anarquia, da politicalha, do clubismo e da indisciplina reinantes na entidade máxima dos desportos terrestres desta cidade — a Liga Metropolitana” (*Gazeta de Notícias*, 14/10/1918, p. 4).

Dias antes, o *Jornal do Brasil* já havia criticado duramente a falta de rigor da LMDT em punir os seus atletas filiados pela prática do jogo violento e pela falta de compromisso com a entidade, expressando uma “escandalosa politicalha de clubismo” (*Jornal do Brasil*, 22/09/1918, p. 5). Por isso era cobrado dos jornais um gesto moralizador da entidade contra os atos considerados violentos e desrespeitosos, visto que estes comportamentos eram considerados

perniciosos para o espírito amador, cujo sentimento de comunidade entre os agentes do futebol carioca deveria estar acima dos interesses individuais e clubísticos.

Segundo os críticos, a LMDT e a comissão de desportos aceitavam com muita facilidade os pedidos de perdão de seus filiados. Sendo assim, seria indispensável medidas enérgicas “para evitar a anarquia geral, para a qual caminha a largos passos o futebol desta terra” (*Gazeta de Notícias*, 15/10/1918, p.6). Portanto, a instituição era apontada como a principal responsável por não tornar o futebol forte, pois não conseguia “implantar nos seus praticantes a disciplina, motivo porque ninguém a respeita e a sua autoridade é menosprezada até pelo garoto vendedor de jornais!” (*Gazeta de Notícias*, 14/10/1918, p.4).

O futebol praticado em campo não teve muita repercussão nos dias sucessivos ao retorno dos jogadores da partida interestadual em São Paulo. Muitos componentes da delegação carioca que retornaram de São Paulo, além dos que aqui permaneceram, estavam enfermos e, portanto, sem condições para treinar e jogar. Não se falava na realização da rodada seguinte do Campeonato Carioca, mas também não era cogitada a sua suspensão. A hesitação da LMDT em decidir o que fazer com os próximos jogos era um microcosmo das indecisões em escala macro das autoridades, ainda que essa situação sanitária não fosse inteiramente inédita na paisagem social.

Não é demais lembrar que, nos primeiros anos da República, a cidade sofrera diferentes surtos de epidemia, como no ano de 1891, quando “coincideram epidemias de varíola e febre amarela, que vieram juntar-se às tradicionais matadoras, a malária e a tuberculose. Nesse ano, a taxa de mortalidade atingiu seu mais alto nível, matando 52 pessoas em cada mil habitantes” (CARVALHO, 1987, p. 22).

Enaltecido constantemente pelos órgãos de imprensa, o ex-diretor da Saúde Pública Oswaldo Cruz, que anos antes havia sido figura fundamental na extinção da febre amarela, não se furtava em apontar a letargia das autoridades sanitárias no combate à influenza, sobretudo para a direção de Carlos Seidl à frente desta pasta, visto que a epidemia se alastrava por toda a cidade enquanto o diretor minimizava a situação da epidemia. Suas declarações na Academia de Medicina, alegando estar convencido de que se tratava apenas de uma gripe, fez com que a *Gazeta de Notícias* exigisse sua demissão. O jornal, chamando o diretor de “cretino”, afirmava que os professores ali presentes se sentiram “desolados ante as conclusões absurdas” de Seidl (*Gazeta de Notícias*, 12/10/ 1918, p. 1).

Nos dias seguintes, sempre mais contundente em suas críticas à administração da situação, o jornal entoava não ser mais possível continuar com Seidl à frente da Saúde Pública, pois é apontado como o maior responsável pelo “alastramento espantoso que epidemia toma nesta capital” (*Gazeta de Notícias*, 15/10/1918, p. 1). A partir desse momento, em face da situação de disseminação da doença na capital federal e das críticas à atuação Saúde Pública, a *Gazeta* passaria a denominar a gripe espanhola de “mal de Seidl”, haja vista que

a terrível pandemia, conhecida pelo nome de influenza espanhola, ou "mal de Seidl", porque deve a sua disseminação à ignorância dessa autoridade sanitária, vem tomando tais proporções, que a população já se acha completamente alarmada. O número de casos torna-se cada vez mais incalculável, sendo que muitos deles têm se revelado fatais (*Gazeta de Notícias*, 16/10/1918, p. 1)

Em diapasão diverso, *O Imparcial* seguia uma linha menos conflituosa em relação ao poder público. O jornal reconhecia que a influenza se fazia presente na cidade e a tendência era a sua disseminação para outras partes do país, mas entendia ser um ponto positivo o número de mortalidades ser, em seu dizer, “insignificante” (*O Imparcial*, 16/10/1918, p. 3).

O Paiz, nesse momento, também se posicionaria criticamente no que concerne à atuação da Diretoria Geral de Saúde Pública diante da epidemia, reivindicando assim uma “intervenção do Sr. presidente da República, a fim de assegurar aos habitantes do Rio de Janeiro a proteção a que eles têm direito contra o flagelo aqui importado” (*O Paiz*, 16/10/1918, p. 4). Na visão do jornal, a inação de Carlos Seidl produzia mais efeitos prejudiciais para a população do que a doença em si, deixando a sociedade em estado alarmante. O cenário da cidade é assim descrito:

O Rio de Janeiro está, há quatro dias, na situação lamentável de uma cidade alarmada por uma enorme calamidade. As ruas desertas, as casas de comércio em parte fechadas, o tráfego de veículos extremamente reduzido, os lugares de diversão abandonados, um ambiente de terror pairando sobre a nossa metrópole, como se uma grande catástrofe houvesse paralisado a vida social e debandado a população espavorida (*O Paiz*, 17/10/1918, p. 3)

Numa outra parte da mesma edição, o jornal traz uma coluna do colaborador Alexandre de Albuquerque, que considera a epidemia “verdadeiramente democrática”, uma vez que “domina e derruba a cidade, como uma corrente elétrica, fulminando simultaneamente todas as ruas e todos os bairros, desde os mais luxuosos e arejados até os mais humildes e menos higiênicos, é, felizmente, mais extensa do que intensa”. Mais à frente, ele apresenta uma teoria de que a origem lusitana do brasileiro, aliada ao ambiente americano, teria contribuído para a formação de um povo muito suscetível às ações da imprensa local. Por isso pedia menos alarmismos coletivos por parte da imprensa (*O Paiz*, 17/10/1918, p. 3).

Sua teoria, contudo, se contrapõe aos fatos concretos. Naquele momento, havia relatos de situações caóticas por toda a cidade, como no caso dos cemitérios em greve, nas superlotações das farmácias, nas instituições fechadas, operários desfalcando as fábricas, cancelamento de sessões na câmara, serviço da light desfalcado, biblioteca nacional e Museu Nacional sem vários funcionários, inúmeros casos também nas forças armadas. Ademais, havia o problema da carestia e da fome, que se acirrava com a disseminação da gripe por todos os cantos da cidade. Enfim, toda a dinâmica da vida social havia se transformado dramaticamente, e por isso o receio das pessoas era justificável.

Apesar do aspecto de tristeza na cidade, com os números de casos e mortes aumentando rapidamente, Carlos Seidl continuava convencido de que o "mal não tem importância", mas àquela altura o governo começava a agir, nomeando um superintendente do serviço especial de combate à epidemia. Contudo, os erros de gestão e a falta de um plano eficaz facilitaram a entrada do vírus no país. O jornal associava o pânico dos cariocas como aquele "que se apodera do exército cujo general perde a força moral e a confiança dos seus comandados" (*Correio da Manhã*, 17/10/1918, p. 1). Portanto, a desorganização do poder público, representada na figura de Carlos Seidl, era o principal motor do medo coletivo.

A pressão da imprensa e da sociedade sobre as posições adotadas por Carlos Seidl fez com que o diretor pedisse demissão, prontamente aceita pelo presidente Wenceslau Brás. Em seu lugar, fora nomeado como diretor interino Teophilo Torres. No *Correio da Manhã*, Gil Vidal afirma em uma coluna não haver "memória de epidemia no Brasil que tivesse irrompido com tamanha violência e alastrado com tal rapidez, como a que vitima o Rio de Janeiro há cinco dias" (*Correio da Manhã*, 18/10/1918, p. 2). No entanto, entende que a febre amarela foi mais mortífera, e que a Saúde Pública errou ao não impedir que a doença adentrasse pelos portos.

Crítico mais contundente do governo, a *Gazeta de Notícias* afirmava que a censura, por determinação do presidente da República, a "intimou a não atacar mais o Sr. Carlos Seidl e o governo, nem publicar o número de casos fatais ou não causados pela epidemia de gripe". Ainda segundo o jornal, de modo sarcástico, "o governo estava providenciando para debelar o mal e como se vê as suas disposições são cada vez mais enérgicas... Começam pela imprensa" (*Gazeta de Notícias*, 18/10/1918, p. 1).

Para os dias seguintes, o governo federal resolveu decretar feriado em bancos e estabelecimentos comerciais nos dias 19, 21 e 22 de outubro, exceto para as casas de primeira necessidade⁴. Para o *Correio da Manhã*, tal medida do governo seria infrutífera, tendo em vista que "trancam-se os estabelecimentos comerciais e a fome começa a ter caráter irremediável". Sendo assim, a sociedade estaria "à merce dos destinos incertos. Nenhum controle, nenhuma energia eficiente nos defende, falta um homem ou faltam homens que indiquem propósitos de defesa para valer à metrópole da República" (*Correio da Manhã*, 19/10/1918, p. 1). Outra medida adotada pelo presidente da República foi a criação de mais postos de socorros e um grande hospital para os enfermos da gripe.

No que tange às medidas de enfrentamento da epidemia no universo do futebol no Rio de Janeiro, a Liga Suburbana de Futebol foi a primeira a decretar uma resolução efetiva, determinando a paralisação do seu campeonato. O posicionamento da Liga Suburbana acontecera no auge da crise sanitária da cidade, no momento em que eram registradas 1541 mortes em três dias, enquanto a Santa Casa não conseguia dar conta do elevado número de enterros. Na carta, o presidente da entidade esportiva deliberava que:

A Diretoria da Liga Suburbana de Futebol, tendo em consideração a situação verdadeira calamidade em que se encontra a nossa cidade, e atendendo a que bem raros são os que não foram acometidos pelo terrível morbus que nos assola, resolve como medida de humanidade e preservadora transferir, até que se modifiquem os efeitos da atual epidemia, os jogos do campeonato desta Liga (*O Imparcial*, 19 out. 1918, p.3; *O Paiz*, 19/10/1918, p. 5).

Somente alguns dias após a decisão da Liga Suburbana é que a LMDT, em ofício assinado no dia 21 de outubro por Jorge Caldeira, 2º vice-presidente em exercício e um dos poucos a não ser acometido pela doença até aquele momento, resolveria fechar sua sede e suspender o Campeonato Carioca, uma vez que “duas terças partes dos jogadores de futebol estão enfermos, quase todos guardando leito. O mesmo tem acontecido com os funcionários e membros da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres” (*Jornal do Brasil*, 22/10/1918, p. 5).

Com muitos representantes de clubes e da liga enfermos, os conselhos divisionais não conseguiram se reunir como faziam habitualmente. Na declaração oficial, a LMDT afirmava que “tendo em consideração a situação calamitosa que atravessa esta capital com a pandemia reinante, ficam suspensos, até ulterior deliberação, o expediente da secretaria da Liga e bem assim os jogos do presente campeonato” (*O Imparcial*, 22/10/1918, p. 6; *Gazeta de Notícias*, 22/10/1918, p. 5). Num cenário de angústias e indefinições, o Campeonato Carioca de 1918 estava oficialmente paralisado.

DAS INCERTEZAS AO RETORNO DO CAMPEONATO CARIOCA DE 1918

Em razão da paralisação do futebol na cidade, os jornais passariam a abrigar discussões sobre como lidar com os eventos esportivos a partir desse momento. Dentre estes, o Campeonato Sul-Americano de Futebol, que tinha seu início programado para o dia 10 de novembro, recebia grande destaque na imprensa esportiva e mobilizava expectativas entre torcedores, esportistas e autoridades políticas. O torneio seria disputado no momento em que o esporte se popularizava entre as diversas camadas sociais, além de ser uma oportunidade para apresentar uma boa imagem do país – projetada a partir da capital federal –, “assumindo a feição de um grande marco para o esporte nacional” (MIRANDA, 1998, p. 132).

Um dos elementos que expressavam o entusiasmo com o torneio e a popularidade do futebol eram as cartas dos torcedores publicadas nos jornais cariocas, trazendo sobretudo sugestões e críticas em relação aos clubes e seleções. Estas cartas revelavam, àquela altura, a crescente participação dos torcedores na vida esportiva, com destaque para o futebol, que ia conquistando corações e mentes dos cariocas. Nesse período, com as partidas de desempate pela Taça Rodrigues Alves contra os paulistas e a proximidade do Campeonato Sul-Americano de Futebol, a ser realizado na capital, muitos eram as cartas com as escalasções que cada torcedor acreditava ser a ideal para esses dois selecionados – carioca e nacional.

O Campeonato Sul-Americano de futebol aparecia como o grande evento esportivo internacional já realizado no Brasil até aquele momento, marcando o processo de desenvolvimento do futebol no país – e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Havia muita expectativa com o desempenho do selecionado nacional e com os preparativos da capital federal para receber as outras seleções sul-americanas, ganhando ares de interesse público e mobilizando a atenção do público e das autoridades. Para receber os todos jogos do tão esperado torneio, o campo do Fluminense passaria por uma intensa reforma em sua estrutura, ganhando enfim status de *stadium*.

Com a proximidade do torneio, as duas ligas estaduais mais importantes – a LMDT e a Associação Paulista de Futebol – procuravam formas de organizar o time brasileiro que entraria em campo, o que não seria tarefa das mais simples, dada as animosidades entre as duas entidades e, conseqüentemente, entre a imprensa das duas cidades.

No dia 23 de outubro, *O Imparcial* reproduz uma coluna do jornal *Estado de São Paulo*, popularmente conhecido como *Estadão*, mas que no período da guerra fez circular uma edição vespertina chamada *Estadinho*. A coluna inicia sua argumentação alegando que a base da seleção deveria ser composta apenas por jogadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, haja vista que “todo o mundo está farto de saber que só em S. Paulo e Rio de Janeiro o *football* atingiu a um grande desenvolvimento, e que o *scratch* da nossa pátria só pode ser constituído de elementos das duas capitais”. Para afirmar o interesse comum, apaziguando as tensões entre as federações locais, a coluna pregava que “agora todos somos brasileiros (até que enfim podemos invocar a nossa nacionalidade) e que não existe nem Liga Metropolitana nem Associação Paulista: existem apenas o Brasil e a Confederação” (*O Imparcial*, 23/10/1918, p. 6).

No entanto, a despeito de uma aparente narrativa de cordialidade, o jornal paulista sugeria uma divisão clara entre as incumbências de cada entidade. Acreditando que os paulistas possuíam supremacia técnica sobre os cariocas, a coluna indicava que os primeiros deveriam assumir o trabalho de formar a equipe, enquanto o Rio de Janeiro, por possuir maior organização social, riqueza e ser a sede do evento, ficaria com a “representação exterior do Brasil” (*O Imparcial*, 23/10/1918, p. 6). Sendo assim, ficava evidente o acirramento das rivalidades regionais entre os dois grandes centros esportivos, ao mesmo tempo em que era forjado, por meio do futebol, um discurso totalizante de patriotismo.

No dia seguinte, com o avanço da epidemia no Distrito Federal, a Confederação Brasileira de Desportos enviara um telégrafo para a Confederação Sul-Americana solicitando o adiamento do campeonato, uma vez que tal situação inevitavelmente prejudicava a organização do evento, pois “dos mil operários que trabalham no ‘stadium’, pouquíssimos não enfermaram”, além de interferir na preparação dos times, cujos jogadores também se encontravam adoentados. Ademais, os jogadores estrangeiros “poderiam se negar a vir a este capital, atendendo ao seu estado

sanitário” (*Gazeta de Notícias*, 29/10/1918, p. 5). Aceita pela entidade sul-americana, a decisão pelo adiamento do torneio internacional era vista como uma medida apropriada.

Alguns dias depois, em 27 de outubro, a Associação Argentina de Futebol decide esperar a palavra final sobre a organização do torneio ser da confederação brasileira, medida elogiada pela imprensa carioca. Porém, no dia seguinte, surge uma notícia de Buenos Aires contrária às expectativas da Confederação Brasileira de Desportos: aventa-se a possibilidade de realização do Campeonato Sul-americano em Montevideu (*O Paiz*, 28/10/1918, p. 7). Esse imbróglio ganhou repercussão na imprensa esportiva, sendo considerada uma atitude de desrespeito dos uruguaios com os brasileiros, responsáveis pela organização do torneio. Para a CBD e as elites políticas envolvidas, essa era uma oportunidade crucial de mostrar aos vizinhos sul-americanos a capacidade que o país tinha de hospedar um evento desse porte, consolidando-se no universo do futebol e, sobretudo, demonstrando o valor civilizatório da República que havia nascido poucas décadas antes, expressando valores e comportamentos europeus, especificamente aqueles que fossem associados com os franceses. Nesse ponto, o trabalho de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) atesta como o esporte moderno, ao contrário dos jogos antigos, revelou-se elemento sintomático da transformação do comportamento social, passando de atitudes violentas para aquelas regidas por regras, em consonância com as demandas de uma sociedade parlamentarizada e autopercebida como civilizada.

No entanto, em meio a essa discussão, a epidemia começava a vitimar fatalmente figuras de proeminência no futebol carioca, entre jogadores e diretores de clubes. Dentre estas vítimas, duas causaram muito impacto no meio esportivo: os jogadores João Cantuária, do São Cristovão, e Archibald French, do Fluminense. A morte destes dois jogadores ganhou particular atenção da imprensa, haja vista serem queridos e respeitados por todos da comunidade do futebol. O primeiro falecera em 25 de outubro, enquanto o segundo, quatro dias mais tarde.

Sobre Cantuária, *O Imparcial* publicava uma carta de Waldez, em que apontava o jogador falecido como “o protótipo do verdadeiro *sportsman* brasileiro. Dotado do superior espírito de directiva forte e seguro” (*O Imparcial*, 26/10/1918, p. 6)⁵. Cantuária era tido como um jogador de brio e uma grande liderança no meio esportivo, sobretudo entre seus companheiros do São Cristovão, clube onde jogou por anos. Dias depois, uma torcedora do Flamengo prestou sua homenagem ao jogador no mesmo jornal (*O Imparcial*, 01/11/1918, p. 9). Sua morte acontecera no momento em que estava certa sua transferência para o Fluminense.

Para homenagear Archibald, cuja carreira iniciou-se no Bangu, onde foi enterrado, e teve seu inesperado desfecho no Fluminense, *O Paiz* traça um perfil da trajetória do jogador, considerado “um *sportsman* distinto e um belo *player*” (*O Paiz*, 31/10/1918, p. 6). Enquanto isso, na mesma data, *O Imparcial* apresenta uma carta de um homem chamado Carvalho, cujo título é “O Grande Flagelo”, em que descreve a trajetória do jogador e lamenta a forma como a doença vinha ceifando vidas e atormentando as famílias, deixando um “rastro de lágrima e dor”. Ao final,

o autor emitia suas condolências ao Fluminense e ao esporte brasileiro pelo desaparecimento do jogador, vítima do “flagelo de Seidl” (*O Imparcial*, 31/10/1918, p. 8). Aquele era um momento de perdas para o futebol em geral, e para o Fluminense em particular, que no dia anterior já havia publicado uma lista de sócios mortos em decorrência da gripe.

A despeito do cenário epidêmico caótico na cidade, a Gazeta de Notícias de 23 de outubro trazia em sua capa que o presidente da República acreditava que a epidemia estava em declínio àquela altura (*Gazeta de Notícias*, 23/10/1918). Na mesma linha, *O Imparcial* trazia as impressões do prefeito do cidade, Amaro Cavalcanti, de que o “mal está declinando” (*O Imparcial*, 23/10/1918, p. 3). No entanto, a realidade não correspondia à narrativa presidencial. Numa escala microsocial, o conselho da LMDT não conseguia se reunir, devido às enfermidades dos representantes. No âmbito geral, a ideia do declínio era rebatida pelas determinações de Carlos Chagas, um dos líderes do movimento sanitário no Brasil, que assumiu, a convite de Wenceslau Braz, a responsabilidade de comandar a assistência médica à população no combate à gripe espanhola, implementando hospitais emergenciais e postos de atendimento em diversos pontos da cidade (LACERDA, 2009). Um desses postos seria alocado na sede do Botafogo Football Club, após conversa do presidente desta instituição com Carlos Chagas, demonstrando a mobilização de alguns clubes nesse momento (*Jornal do Brasil*, 25/10/1918, p. 6). A LMDT também oferece, na figura de Jorge Caldeira, sua sede ao presidente da República para que fosse instalado um posto de saúde (*O Imparcial*, 28/10/1918, p. 6).

Não obstante o número de vítimas – fatais ou não – afetadas pela gripe, *O Imparcial* considerava absurda a adoção de uma suposta medida que ficara sabendo nos bastidores do futebol: a de que a LMDT suspenderia o campeonato e declararia os campeões de suas divisões aqueles que estavam em primeiro lugar àquela altura. O jornal considerava essa atitude “uma tolice sem exemplos e sem limites, pois a Liga não pode e não tem direitos para nomear campeões”. Mesmo que os campeões já estivessem virtualmente decididos (Fluminense na 1ª divisão e Americano na 2ª divisão), não havia cabimento encerrar o campeonato, segundo suas impressões, por conta dessa “tal gripe”, uma vez que “ela está em franco declínio e os jogadores de futebol já estão todos mais ou menos restabelecidos. Com o adiamento do Sul-Americano, não haveria conflitos no calendário, fazendo assim com que o “campeonato termine decentemente” (*O Imparcial*, 30/10/1918, p. 9).

À essa altura os jornais noticiavam o constante declínio da gripe ao longo dos últimos dias, melhorando a situação da cidade, o que refletia-se na operacionalização do futebol carioca. De acordo com nota oficial do dia 29 de outubro emitida por Jorge Caldeira, a secretaria da LMDT já se encontrava funcionando provisoriamente, das 18 horas em diante. Uma segunda nota seria divulgada dias depois, em dia 31 de outubro, comunicando que, a partir do dia 04 de novembro, o expediente da secretaria estaria “completamente normalizado, funcionando desde às 11 horas”

(*O Paiz*, 04/11/1918, p.6). Naquela mesma edição, o Flamengo informava a retomada de seus treinos entre os seus times a partir do dia 06 de novembro.

No começo do mês de novembro os jornais apontavam para o declínio da epidemia no Rio de Janeiro, com até 40% de redução no número de óbitos no subúrbio, conforme trazia o *Correio da Manhã* em capa de 06 de novembro de 1918, embora esse fato fosse enfatizado de maneiras diversas, variando entre a cautela e a celebração. O Governo afirmava o declínio da epidemia e dos enterros, porém o número de mortes continuava elevado. Entre os dias 12 e 31 outubro, a média diária era de “400 e muitos mortes”, com elevação nos dias de novembro⁶.

De acordo com a *Gazeta de Notícias*, em seu costumeiro tom ácido em relação ao governo federal, a quem imputava maior responsabilidade pela situação sanitária calamitosa e pelas vítimas fatais, “a verdadeira epidemia terá fim daqui a treze dias: o governo Wenceslau” (*Gazeta de Notícias*, 02/11/1918, p.1). Na mesma edição, no dia de finados, o jornal fazia uma genealogia dos fatos que acreditava terem levado a cidade àquela situação:

Nunca, desde a sua fundação, teve esta cidade maior número de mortos a que ela devesse prestar o seu culto, como no dia de hoje. Em menos de quinze dias a população dos cemitérios foi aumentada de doze mil cadáveres! É um algarismo dolorosamente impressionante, e todas essas vítimas sucumbiram devido exclusivamente à inépcia de um governo que se recusou sistematicamente a ouvir a voz de quem lhe prevenia, com a melhor das intenções, que a Higiene Pública estava em franca desorganização, que era mister aparelhá-la suficientemente para nos defender de qualquer invasão epidêmica provável, que era necessário entregar a sua direção a um homem competente, pois que o Sr. Carlos Seidl se revelava burocrata, que não inspirava a ninguém a mínima confiança (*Gazeta de Notícias*, 02/11/1918, p.1).

As críticas contundentes ao governo federal vinham também de São Paulo, conforme apresentada em matéria do “Estadinho” replicada n’*O Imparcial*, que a considerava “impressionante”. Segundo o jornal paulista, a capital da república não havia se preparado adequadamente para tratar a gripe, que se espalhou de maneira assustadora e aniquilou as vidas de jogadores e diretores de clubes devido à “imprevidência das autoridades e o condenável desdém do público”. O Jornal, outrossim, criticava a tímida atuação dos homens do esporte no auxílio às autoridades sanitárias, visto que ser praticante do esporte, para além dos cuidados da saúde e do corpo, significava encarnar e transmitir valores sociais e morais, associados com a disciplina e o companheirismo. Para não repetir o desastre que acontecia no Rio de Janeiro, o jornal afirmava que

tratemos, todos nós residentes nesta cidade, de evitar que essa horrível moléstia se propague. Auxiliar a Cruz Vermelha, oferecer préstimos à Liga Nacionalista, observar rigorosamente os preceitos do Serviço Sanitário, dar qualquer quantia para os desprotegidos, para os sem recurso – tudo isso contribuirá para que a doença desapareça (*O Imparcial*, 01/11/1918, p.10).

Enquanto os homens do esporte em São Paulo se preparavam para trilhar um caminho diferente daquele realizado pelos cariocas, considerado pelos paulistas um mau exemplo, os jornais da capital federal publicavam indicações de queda no número de novos casos, levando inclusive o governo a anunciar o fechamento de postos de saúde instalados emergencialmente para tratar as vítimas da gripe. Com isso, havia um aspecto mais alegre pelas ruas, inclusive com a reabertura dos teatros, “dando mais vida à cidade” (*O Imparcial*, 02/11/1918, p. 3).

Nesse cenário, os jornais voltavam a noticiar acerca da realização do Campeonato Sul-Americano, ainda sem uma nova data até aquele momento. A hipótese de o torneio acontecer em Montevídeu parecia ser já uma “coisa morta” àquela altura, graças sobretudo ao apoio de argentinos e chilenos à Confederação Brasileira de Desportos. O jornal sugeria que os uruguaio tentaram trazer o torneio para suas terras devido ao apreço que tinham pelos “lucros que o *sport*, principalmente o *football*, está proporcionando”. Esse apontamento é demonstrativo do quanto o futebol iam se tornando um espaço de investimentos e ganhos materiais para aqueles que militavam nesse universo, gerando tensões políticas entre países.

A situação mais amena fez até mesmo com que *O Paiz* sugerisse que o campeonato fosse realizado em dezembro de 1918, em vez de meados de 1919, pois assim haveria maior tempo de preparação dos jogadores para o Sul-Americano seguinte, já programado para acontecer no Chile. O fato de muitos jogadores trabalharem no comércio criaria dificuldades em conseguir prolongadas licenças, além de atrapalhar o calendário dos campeonatos e clubes. A indicação de que o torneio poderia ser realizado em maio de 1919 não era vista com bons olhos, uma vez que “tudo em nossa capital já está voltando ao seu estado normal” (*O Paiz*, 01/11/1918, p. 7-8). De acordo com informações vindas de Buenos Aires, porém, a transferência do campeonato para maio “causou aqui ótima impressão” (*O Imparcial*, 03/11/1918, p. 11).

O Imparcial informava ter ouvido de um diretor da LMDT que o campeonato teria seu reinício em 15 de novembro, o que mereceria críticas do jornal, pois este ponderava ser “muito cedo e isso devido à falta absoluta de tempo para preparo dos nossos times”, ainda que a situação fosse de aparente melhora, inclusive com o fechamento dos postos de socorro (*O Imparcial*, 05/11/1918, p. 9). Segundo o jornal, muitos jogadores atacados pela gripe ainda estavam em estado de convalescença, ficando impossibilitados de treinar adequadamente.

Mas essa situação de aparente retorno à normalidade do futebol era contraposta pela apuração da *Gazeta de Notícias* de que o Dr. Carlos Chagas havia aconselhado a polícia da capital de “proibir a realização de treinos de futebol enquanto forem sensíveis os efeitos da epidemia que nos assola” (*Gazeta de Notícias*, 06/11/1918, p. 5). Essa recomendação deveria ser seguida por todos os praticantes do esporte, pois os exercícios físicos eram vistos como fator agravante para o estado de saúde. No entanto, naquele mesmo 06 de novembro, o Flamengo retornaria às atividades físicas de treino dos seus times, com um “bate bola para os primeiro e segundo teams”

e, no dia seguinte (07), “treino dos terceiro e quarto times”, contrariando as medidas de prevenção supracitadas no momento em que o clube perdia seu 1º secretário, Thiers Silva, para a influenza.

Enquanto isso, o Fluminense divulgava novamente uma lista com mais de uma dezena de associados mortos em decorrência da gripe, anunciando sua diretoria o desejo de realizar uma reunião em ocasião oportuna para decidir as homenagens em memória dos falecidos. Porém, destacava a impossibilidade de que tal homenagem ocorresse naquele momento, “em virtude da doença na maioria de seus membros” (*O Paiz*, 05/11/1918, p. 6; *O Imparcial*, 06/11/1918, p. 9).

Com a gradativa normalização da vida na cidade, as atividades esportivas ensaiavam o retorno. A assembleia geral da LMDT se reuniria nos próximos dias com o foco principal em definir o novo calendário de retomada do Campeonato Carioca, levando em consideração as condições sanitárias da cidade. A Liga Suburbana de Football também definia sua reunião de diretores em 09 de novembro para definir o reinício do campeonato. Embora apoiassem a retomada, os jornais entendiam que ela não deveria acontecer de modo apressado. Para o *Correio da Manhã*, o reinício deveria ser a partir de 27 de novembro, o que seria melhor para a recuperação física dos atletas. O jornal lembrava que, caso se confirmasse de fato o adiamento do Campeonato Sul-Americano para o ano seguinte, haveria “todo o mês dezembro e princípio de janeiro para acabar o campeonato e os torneios” (*Correio da Manhã*, 08/11/1918, p. 5).

A *Gazeta de Notícias* advogava para que o retorno ocorresse somente em dezembro, e não em novembro, como aventava-se, pois “o estado sanitário da cidade, a inconstância do tempo e mesmo a debilidade em que se encontra a maioria dos jogadores, são motivos bastante valiosos para afirmarmos a inconveniência de qualquer medida tomada em contrário à nossa asserção”. E ainda reconhecia o valor da providência de proibição de treinos adotada por Carlos Chagas, noticiada dias antes pelo mesmo veículo, e alertava os diretores da LMDT para que refletissem bem acerca de suas decisões, “para que amanhã não sejamos obrigados a trazer para as nossas colunas outras notas ltuosas, além das que já foram registradas” (*Gazeta de Notícias*, 07/11/1918, p. 5). Uma dessas perdas registradas pelo jornal havia sido a de João Cantuária, que naquele mesmo dia teria uma missa celebrada em sua homenagem na igreja São Francisco de Paula.

A notícia apurada e publicada pela *Gazeta de Notícias* de que a reunião de jogadores para a realização de treinos estaria proibida, sob pena de intervenção policial, recebeu apoio do jornal, mas foi duramente contestada por *O Imparcial*, uma vez que, em sua ótica, “a Polícia não tem, e nunca há de ter, competência e autoridade para tal coisa. Isso seria uma violência inclassificável e sem limites” (*O Imparcial*, 07/11/1918, p. 8). O jornal considerava que os clubes deveriam ter seu direito de propriedade preservado, sendo então tal medida descabida.

Na mesma coluna, neste caso em concordância com os apontamentos feitos pela *Gazeta*, *O Imparcial* saudava a decisão de retomar o campeonato, desmentindo os boatos de um encerramento sem que todas as rodadas fossem jogadas, mas também considera precipitada e

temerária a ideia de que aconteça já em 15 de novembro, dado “o estado pouco propício à prática do ‘association’”. Além da preocupação com a saúde dos atletas para encarar as partidas, o jornal destaca o ato falho moral que esse retorno precoce implicaria, sendo necessário mais tempo. De acordo com o jornal, a perda de jogadores tão relevantes para o futebol carioca “já constitui um motivo para que o meio esportivo esteja de luto, e desde que há luto não pode haver festa. É preciso, portanto, esperar que essa impressão desoladora e fúnebre desapareça, embora superficialmente, para depois, então continuar a festa interrompida...” (*O Imparcial*, 07/11/1918, p. 8).

No dia 08 de novembro, a despeito das notícias de queda acentuada dos infectados, a *Gazeta de Notícias* informava que, do dia 12 de outubro até aquele momento, o “mal de Seidl” havia matado 20 mil cidadãos. O cenário ainda preocupante levava a LMDT a realizar uma doação de 5 contos de réis para instituições que cuidavam dos adoentados, enquanto o Fluminense doava uma quantia de 500 réis à matriz da Glória, “afim de ser distribuída entre os pobres, pondo à disposição do vigário da mesma matriz a sua sede e médicos, para qualquer emergência, e um armazém à rua Álvaro Chaves, para o fornecimento de mantimentos, por conta daquela sociedade” (*O Paiz*, 08/11/ 1918, p. 7). Esses atos demonstram o envolvimento das entidades futebolísticas com o drama social.

Na mesma edição, uma notícia vinda de Buenos Aires aliviava naquele momento a pressão sobre o calendário do Campeonato Carioca: a Associação Argentina aceitara a decisão da Federação Brasileira de adiar o Campeonato Sul-Americano para o maio de 1919, lamentando “os dolorosos motivos que levaram a Federação a tomar essa resolução” (*O Paiz*, 08/11/1918, p. 7). Desse modo, restando 12 jogos a serem disputados, o campeonato não precisaria retornar apressadamente.

Os jornais do dia 12 de novembro estampavam em suas capas a rendição da Alemanha, resultando no fim da I Guerra Mundial e fazendo o Rio de Janeiro “delirar de entusiasmo” pelo armistício e capitulação do Império Alemão, acontecimento considerado então como a vitória da Civilização (*Gazeta de Notícias*, 12/11/1918, p. 3). O entusiasmo era de tal monta que a Associação de Cronistas Desportivos enviou um telegrama ao presidente da República pela vitória dos países aliados em sua defesa da civilização, sobretudo pela maneira como a capital federal visava espelhar-se na cultura francesa (*O Imparcial*, 14/11/1918, p. 8). E a Liga enviou a cada um dos representantes diplomáticos dos países aliados um ofício de congratulações pela assinatura do armistício na I Guerra Mundial (*Gazeta de Notícias*, 15/11/1918, p. 5).

Nesse momento, enquanto a assembleia geral extraordinária da LMDT não acontecia por falta de número suficiente de representantes, a Liga Suburbana reúne-se para definir o prosseguimento do seu campeonato (*O Imparcial*, 12/11/1918, p. 8). Enquanto isso, *O Paiz* elogiava a decisão de deixar a cargo da diretoria da Liga a determinação do novo calendário do Campeonato Carioca, tendo à frente Samuel de Carvalho. O jornal clamava pelo bom senso nas

providências tomadas, visto o “estado ainda um tanto anormalizado em que se acha a cidade”. Caso contrário, caberia “sérias providências de parte da Saúde Pública e da polícia” (*O Paiz*, 12/11/1918, p. 13).

Embora o campeonato estivesse parado, as obras no estádio do Fluminense continuavam, inclusive com um visita surpresa do presidente da República Wenceslau Brás, em seus últimos dias de governo, que saiu do local “imensamente satisfeito pelo interesse que teve ocasião de observar, com que já se cuida entre nós das coisas do esporte e o adiantamento em que estas se acham” (*O Paiz*, 12/11/1918, p. 13)⁷.

Com o aparente arrefecimento do número de casos da *influenza*, os atores sociais envolvidos com o futebol começavam a pensar no seu reinício. Todos os jornais analisados destacavam em suas edições de 14 de novembro que na data anterior, em reunião realizada pelos diretores da LMDT, ficara decidido que o Campeonato Carioca recomeçaria no dia 1º de dezembro de 1918. Esse era um claro sinal de que a percepção da sociedade em geral, e do futebol em particular, apontava para uma melhora no ambiente sanitário da cidade. Com isso, depois do Flamengo, era a vez de Fluminense e América anunciarem retorno aos treinos individuais nos próximos dias (16 e 17, respectivamente) (*Correio da Manhã*, 14/11/1918, p. 5; *O Imparcial*, 17/11/1918, p. 8).

No dia 15 de novembro, encerrava-se o governo Wenceslau Braz, que deveria ser substituído por Rodrigues Alves, eleito em março para um segundo mandato. No entanto, àquela altura, encontrava-se enfermo em decorrência da gripe espanhola. Em seu lugar, assumia o então vice-presidente Delfim Moreira. Nesse mesmo dia, o Flamengo comemorava seu aniversário de fundação, mas decidiu que não comemoraria a data em respeito à morte de seu primeiro-secretário, Thiers Silva, e aos outros membros ainda adoentados (*O Paiz*, 15/11/1918, p. 7). Os clubes da cidade contabilizavam e choravam suas perdas, entre associados, jogadores e dirigentes. O Vila Isabel, que enfrentaria o Flamengo num jogo treino visando o retorno do campeonato, informava que mandaria rezar uma missa na Igreja Nossa Senhora de Lourdes em homenagem aos seus sócios falecidos (*O Imparcial*, 21/11/1918, p. 8-9).

Em 16 de novembro, a *Gazeta de Notícias* traz uma nota em que aponta um possível retardamento do reinício do campeonato, pois o conselho da primeira divisão da LMDT não definiu ainda as datas dos jogos restantes, o que seria um problema, já que os clubes da segunda e terceira divisões da Liga também usam os campos dos clubes da primeira divisão para realizar seus jogos. Além disso, o jornal alega que “o artigo 23 do código de futebol determina que ‘as tabelas oficiais devem estar concluídas, pelos conselhos divisionais, quinze dias antes do início da temporada’” (*Gazeta de Notícias*, 16/11/1918, p. 5). Faltavam 12 jogos para concluir o campeonato da primeira divisão. O campo do Fluminense encontrava-se em obras. Diante disso, *O Paiz* sugere um esboço de tabela, que vai do dia 01/12 a 29/12, esperando “boa vontade” da LMDT no momento de se reunir para elaborar a nova tabela (*O Paiz*, 17/11/1918, p. 8). Enquanto

isso, *O Imparcial* alerta para o fato de que a Liga deveria consultar a assembleia antes de definir o novo calendário. O jornal exemplifica que tal atitude poderia abrir brecha para que clubes que se sintam em desvantagem técnica nas partidas, em decorrência da epidemia, possam recorrer à justiça, alegando que a LMDT os forçou a jogar. Sendo assim, aconselha que “é preciso, portanto, convocar a assembleia e consultá-la, para evitar ‘choradeiras’” (*O Imparcial*, 18/11/1918, p. 7).

Passado o fervor entusiasmado pelo fim da I Guerra Mundial e com o decréscimo nos casos da *influenza*, os jornais destacam no dia 19/11 um movimento grevista entre os operários das fábricas de tecidos da cidade, com momentos de tensão entre os revoltosos e os policiais e a prisão de grevistas. Chega-se mesmo a dizer em um “complô anarquista” que teria sido bloqueado pela polícia (*Correio da Manhã*, 19/11/1918, p. 1). As forças de terra e mar ficaram de prontidão, caso a situação fosse agravada.

Enquanto o Campeonato não retornava, *O Paiz* de 19 de novembro trazia uma matéria do jornal “Mañana”, de Montevideo, relatando um telegrama da Confederação Brasileiro à Confederação Sul-Americana no qual pedia o adiamento do Campeonato Sul-Americano até pelo menos o mês de maio de 1919. Com isso, “a secretaria da Confederação Sul-Americana transmitiu às demais filiadas a resposta do Rio, e agora só há a esperar o acordo de todas elas para a data da realização do grande torneio” (*O Paiz*, 19/11/1918, p. 8).

O torneio seria realizado inteiramente no novo estádio do Fluminense, que ainda passava por obras. O mesmo jornal relatava uma visita ao local, apontando faltarem poucos detalhes para que esteja pronto a receber os grandes eventos. Destaca ainda o papel de Arnaldo Guinle, presidente do clube e da Confederação Brasileira de Desportos, como um “batalhador incansável pelo desenvolvimento física da mocidade” (*O Paiz*, 20/11/1918, p. 4). A previsão para a inauguração do estádio e outras dependências era de que ocorresse no dia 23 de dezembro, até mesmo com a possibilidade do Fluminense realizar a partida do Campeonato Carioca já no estádio pronto. Enquanto isso, com as obras em andamento, o Fluminense realizava seu primeiro treino no novo campo, “tratando-se de um momento histórico na vida do club” (*O Paiz*, 22/11/1918, p. 8).

A despeito de todos os serviços da LMDT já se encontrarem normalizados, a reunião de 22 de novembro na LMDT resolveu transferir a data do reinício do campeonato para o dia 08 de dezembro, uma vez “não terem podido os conselhos divisionais confeccionar as respectivas tabelas” (*O Imparcial*, 23/11/1918, p. 9). *O Paiz* ironizava os adiamentos sucessivos dos conselhos divisionais, a quem cabia a organização da tabela do Campeonato: “da maneira como tem procedido os conselhos divisionais, é de se esperar que o campeonato deste ano, só recomece em março do ano vindouro” (*O Paiz*, 23/11/1918, p. 7). Contando com esse adiamento, o Flamengo decide fazer um convite ao Palestra Itália, de São Paulo, para vir ao Rio Janeiro jogar um amistoso interestadual nesta data. Todavia, alegando impossibilidade de estar no Rio de Janeiro nesta data, o Flamengo firmou acordo para que o adversário fosse o Corinthians. Fosse

qualquer adversário, a alta expectativa pela retomada do futebol na cidade sugeria que esse encontro atrairia uma “multidão de sportmen ao ground da rua Paysandu” (*O Imparcial*, 22/11/1918, p. 7).

Enquanto o futebol não retornava oficialmente, o Sport Club Rio de Janeiro decidira realizar um grande evento no dia 24 de novembro para inaugurar sua nova praça de esportes. Contudo, a *Gazeta de Notícias* aconselha a diretoria do Rio de Janeiro a não fazer tal inauguração no dia marcado, em decorrência da gravidade da gripe e da exposição desnecessária dos sportmen que ainda possam estar em estado de convalescença. “os perigos a que se vão expor estes queridos ‘players’ são grandes”. Em um cenário de normalidade a festa seria de muito brilho, mas realizá-la nesse momento seria um problema pelas “inconveniências do momento” (*Gazeta de Notícias*, 23/11/1918, p. 5). Devido ao temporal no dia 24 de novembro, a festa foi transferida para o dia 28 do mesmo mês, numa festa com partidas amistosas entre algumas equipes da cidade.

Se os ânimos pelo retorno do futebol entusiasmavam clubes e seus torcedores, em outros casos as feridas deixadas pela epidemia não poderiam ainda permitir qualquer manifestação que não fosse o luto pelas suas perdas. Exemplo disso é a fala indignada de um colaborador de *O Imparcial*, de nome De Carvalho, lamentando a atitude do São Cristovão em oferecer um encontro com chocolates e biscoitos em sua sede apenas um mês após a morte de Cantuária, que segundo o colaborador era “o egrégio representante do desporto brasileiro, o conquistador de troféus, de glórias e triunfos, o veterano defensor do São Christovão A Club”. Como gratidão a um dos patronos do clube, o colaborador sugere “um hino de veneração à alma de Cantuaria, ou uma romaria no túmulo desse herói, é o que se impunha fazer, e não ceatas jocosas, quando se comemora o 30º dia de sua morte” (*O Imparcial*, 25/11/1918, p. 5).

O Fluminense, que também sofreu com a perda de um grande ídolo vitimado pela gripe, Archibald French, discutia naquele momento que jogador poderia ser o seu substituto. Essa era uma decisão importante e mobilizava discussões no clube, tendo em vista a importância de French para o time. De acordo com as informações colhidas por *O Paiz*, o mais provável seria deslocamento do jogador Machado, já titular da equipe, para a posição de French, enquanto Mutzembecher, promissor jogador do 3º time, ocuparia a antiga posição de Machado. Toda essa movimentação aconteceria pelo fato de não haver no Fluminense, segundo o informante anônimo, também um jogador da equipe “reserva alguma (sic) para qualquer posição no primeiro time” (*O Paiz*, 26/11/1918, p. 6)

Depois de inúmeras tentativas frustradas, finalmente o conselho da 1ª divisão da LMDT reuniu-se no dia 26 de novembro para aprovar a tabela de retomada do Campeonato Carioca de 1918, iniciando no dia 08 de dezembro: Mangueira x Fluminense, na rua Paysandu, e Botafogo x Bangu, em General Severiano (*O Imparcial*, 27/11/1918, p. 4). Contudo, isso não isentou os dirigentes de novas críticas. Uma pessoa do meio esportivo, sob o pseudônimo Sarto, envia mensagem para *O Paiz* indignado com o descaso dos dirigentes da LMDT para resolver as

questões pertinentes ao futebol carioca, chegando a afirmar que “anda tudo ‘espanholado’” na liga, pois, segundo o colaborador, “há seguramente um mês que os jornais se cansam de publicar convocações de reuniões de seus diversos poderes, e nenhum consegue qualquer movimento, no sentido de fazer cessar esse estado de coisas, que muito está dando que falar, mas que poucos têm animo de procurar corrigir” (*O Paiz*, 01/12/1918, p. 8).

Com a tabela já definida, a data de 1^a de dezembro estava reservada para a primeira partida de grande expectativa na capital da república após a paralisação: Flamengo x Corinthians. Depois de tanto tempo de espera, acreditava-se que esse jogo seria para um público “ávido pelos sensacionais *matches* de futebol, que há tanto tempo não lhe é dado apreciar” (*O Paiz*, 01/12/1918, p. 8). Em outra matéria sobre a partida, dizia-se que “o campo do simpático grêmio rubro-negro será pequeno para conter a grande massa de aficionados do belo *sport* bretão, que lá afluirá, a fim de presenciar uma luta titânica e emocionante” (*Correio da Manhã*, 01/12/1918, p. 4). O jogo terminou 2-1 para o clube paulista, mas não “foi positivamente dos mais brilhantes”, o que era esperado depois de tanto tempo sem ritmo de jogos e treinos (*O Paiz*, 02/12/1918, p. 7). Outro destaque decepcionante da partida foi a baixa assistência do público, que, “com franqueza, não traduziu a ansiedade do nosso mundo esportivo por uma partida do querido esporte bretão há tanto tempo posto de lado, devido à epidemia que nos flagelou” (*Gazeta de Notícias*, 02/12/1918, p. 2).

No mesmo dia da partida, *O Paiz* publica uma Circular da Confederação Sul-Americana de Futebol, com sede em Montevidéu, a seus filiados, em que parece sanar as dúvidas quanto à realização do torneio. Desse modo, “as coisas se encaminham para uma ótima solução e que nenhuma dificuldade se apresentará da parte dos nossos amigos do Uruguai, Chile e Argentina, para que o Campeonato Sul-Americano de 1918 seja realizado nesta capital, em maio próximo, conforme propõe a Confederação Brasileira de Desportos” (*O Paiz*, 01/12/1918, p. 8).

Alguns dias depois, a partida interestadual ainda ressoava na imprensa carioca. *O Paiz* replicava matéria do “Estadinho” sobre o jogo do dia 01/12, criticando a postura dos cronistas dos cariocas ao desvalorizarem a atuação do Corinthians. De acordo com o jornal Paulista, rebatendo essa postura de pouco apreço com a apresentação do clube de São Paulo, “é provável que o nosso time não tivesse revelado o seu jogo habitual. Convém ponderar que, como o Flamengo, também não se preparou, também estava em convalescença da gripe” (*O Paiz*, 05/12/1918, p. 8).

No que concerne ao preparo físico dos jogadores, os jornais destacavam a solicitação do Fluminense à LMDT para que a temporada esportiva não fosse prolongada. O clube entendia que o calendário de campeonatos oficiais da cidade deveria ser respeitando, mas que não houvesse mais jogos para além disso, pois “a epidemia da gripe, que acaba de assolar o Rio de Janeiro, deixou os jogadores em precárias condições físicas, sendo já um sacrifício não pequeno prestarem-se eles à terminação das provas municipais”. O pedido levava em consideração que, no período, jogos interestaduais eram realizados com frequência, caso da Taça Ioduran, entre os campeões do Rio de Janeiro e de São Paulo, além das partidas entre as seleções estaduais. Isto

posto, levando em consideração os jogos que se anunciam oficiais, fora dos concursos da cidade, a diretoria veria com particular agrado que v. ex. providenciasse de forma a que nenhum dos seus sócios fosse obrigado a prestar o seu concurso aos quadros representativos da Liga Metropolitana depois do último encontro do campeonato em que tomar parte o Fluminense” (*Correio da Manhã*, 06/12/1918, p. 4; *O Imparcial*, 06/12/1918, p. 4; *O Paiz*, 06/12/1918, p. 8).

O calendário do Campeonato Carioca já estava pronto e publicado pelos jornais, mas a demora para a definição da LMDT gerou muitos protestos nos jornais contra seus dirigentes. Em *O Paiz*, um colaborador de nome Bacharel publica uma carta ácida para criticar a desorganização dos membros da LMDT. Para ele, além da gripe, havia um outro problema a ser tratado: a da vadiação. Nas palavras de Bacharel,

A tal gripe, além do mal que causou à cidade, revolucionou a Liga Metropolitana, de forma tão maléfica, que dificilmente vão as coisas tomando rumo. Não houve num só dos seus múltiplos poderes, cujos membros não fossem também atingidos seriamente por um outro mal, tão perigoso e maligno como a "hespanhola": a "vadiação" (*O Paiz*, 07/12/1918, p. 7).

O autor da carta prossegue seus ataques aos representantes da LMDT argumentando que esse outro “mal”, assim como a espanhola, também é transmitido pelo contágio, uma vez que “todos na Liga foram fortemente atacados”. Dessa maneira, quando algum membro comparecia à sede da instituição, o fazia “tão somente para saborear uma palestra... Para trabalhar mesmo é que lá ninguém vai” (*O Paiz*, 07/12/1918, p. 7).

Finalmente acontece a assembleia geral da LMDT, encerrada na madrugada e sem grandes resoluções. A reunião foi marcada por calorosas discussões, levando o seu 2º vice-presidente, Jorge Caldeira, a renunciar ao cargo por conta dos ásperos embates que teve com os componentes da mesa. Na mesma edição, o jornal apresenta as resoluções da diretoria da LMDT, sendo uma delas contrária ao pedido feito pelo Fluminense para que não houvesse nesse momento de epidemia mais jogos além daqueles concernentes ao calendário da cidade: “aceitar as datas de 5 e 6 de janeiro propostas pela Associação Paulista para desempate dos prêmios ‘Hebe’ e ‘Fuch’” (*O Paiz*, 07/12/1918, p. 5).

Paralisado oficialmente desde o dia 21 de outubro, em virtude da epidemia que assolou a cidade, o futebol retornava no dia 08 de dezembro. O jornal *Gazeta de Notícias* dava o tom de entusiasmo para o reinício: “o contentamento deve ser grande, porque as crises que tivemos com a pandemia, que tantas vidas arrebatou, provocaram no nosso mundo social certa monotonia digna de registro. Felizmente o mal passou e a vida de agitações, peculiares ao nosso meio desportivo, volta com a mesma intensidade, dissipando as tristezas em que jaziam os nossos valentes e queridos sportmen” (*Gazeta de Notícias*, 08/12/1918, p. 4). Na mesma linha argumentativa, *O Paiz* destacava que felizmente para os amantes do futebol, os jogos de campeonato da Liga Metropolitana serão hoje reiniciados. Dizemos felizmente, porque o carioca, hoje em dia, quando chega um domingo, e quando nesse domingo não se realizam *matches* de foot-ball, tem expressões

pouco lisonjeiras, lastimando-se mesmo, não ter para onde ir. Realmente, esse violento esporte bretão conseguiu implantar no seio da população esportiva desta capital um verdadeiro fanatismo, não só pelas peripécias que deles provêm, como também pelas simpatias que lhe são afectas os diversos clubes desta capital” (*O Paiz*, 08/12/1918, p. 11).

Essa passagem se mostra relevadora do modo pelo qual o futebol já se fazia parte integrante da vida social de boa parte dos cariocas, uma atividade capaz de mobilizar atenção e emoção dos torcedores, que, mesmo atingido duramente pela doença em tão curto espaço de tempo, vibrava pelo retorno das partidas entre os clubes. O Botafogo venceu o Bangu por 5 a 2, enquanto o Fluminense, ao derrotar o Mangureira pelo placar de 2x0, assegurava antecipadamente o bicampeonato.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O propósito deste artigo foi apresentar os acontecimentos e discussões que ocuparam o futebol carioca durante a gripe espanhola, com ênfase no seu momento mais crítico, levando à paralisação das atividades sociais – e também do Campeonato Carioca. Com o reinício dos jogos, após muitas incertezas e discussões, o Fluminense sagrou-se campeão logo no primeiro encontro contra o Mangureira e, seguindo as orientações de repouso de seus jogadores, não compareceu ao seu último jogo, contra o Carioca, assim perdendo por WO. A tabela definida na reunião da assembleia da LMDT foi respeitada, sendo os jogos realizados até o dia 05 de janeiro de 1919, mas o campeonato encerrou-se oficialmente apenas em abril, pois outras disputas se fizeram necessárias. No dia 23 de fevereiro, houve a partida eliminatória entre Mangureira, último colocado na primeira divisão, contra o Americano, campeão da segunda divisão. O Mangureira venceu por 2 a 1, no campo do Vila Isabel, e manteve-se na elite do futebol carioca. E no dia 06 de abril, Botafogo e São Cristovão fizeram o desempate pelo vice-campeonato da primeira divisão, na rua Paysandu. O Botafogo venceu por 3 a 2.

Quanto ao Campeonato Sul-Americano, marcado inicialmente para novembro de 1918, aconteceu em maio de 1919, conforme solicitação da Confederação Brasileira de Desportos. O Brasil sagrou-se campeão pela primeira vez, em partida de desempate contra o Uruguai, no reformado estádio do Fluminense, em Laranjeiras, que recebeu vultosos públicos nos jogos da seleção brasileira, dentro e fora dos muros do estádio, assim manifestando a maneira como o futebol, àquela altura, já era uma realidade que afetava diferentes grupos sociais, descolando-se da imagem de um esporte restrito às elites.

A epidemia deixara marcas profundas na sociedade carioca e, como consequência, nos clubes da cidade, que tiveram muitos de seus atletas, dirigentes e torcedores vitimados pela gripe espanhola. Numa população de quase 1 milhão de habitantes, estima-se que aproximadamente 600 mil cariocas foram contaminados pela *influenza*, enquanto o número de mortes variou entre 15 e 20 mil pessoas, vitimando até mesmo o candidato eleito Rodrigues Alves, falecido em janeiro

de 1919 (GOULART, 2005). Do mesmo modo que os agentes políticos receberam muitas críticas pela ineficiência no combate ao vírus, deixando a população padecer desse mal, os dirigentes responsáveis pelo futebol também sofreram duros ataques pela desorganização e desleixo com que tratavam o esporte bretão. E os jornais, de acordo com seus posicionamentos diante do governo, retrataram esse momento dramático da vida carioca com enfoques ora mais contundentes, ora mais suavizadores.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, U. A. M. **Máscaras inteiriças Tukúna**: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.
- BARRY, John. *A grande gripe: a história gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2004
- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de civilización*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GOULART, Adriana da Costa. *Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.
- KROPF, Simone Petraglia; LACERDA, Aline Lopes de. *Carlos Chagas, um cientista do Brasil* (Carlos Chagas, scientist of Brazil). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- MELO, Victor Melo de. *Dicionário de Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas, SP: [s.n.], 1998. 380 f. Tese (Doutorado em História).
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348.